WOMEN'S VOICE AND POWER AS AGENTS OF CHANGE

AfWID
AFRICAN WOMEN IN DIALOGUE

Strengthening the Continental African Women's Movement towards a New Value-Based Eco-System



















27 - 31 January 2025 I Birchwood Hotel, Johannesburg South Africa

WDB | TRUST

SPONSORS

WDB | TRUST

WIPHOLD

WDB | INVESTMENT HOLDINGS

ARENA HOLDINGS

Go2 Travel Alliance
Your one stop travel shop

NELSON MANDELA UNIVERSITY

GENDER LINKS FOR EQUALITY AND JUSTICE

Telkom

MOTSENG

home affairs
Department:
Home Affairs
REPUBLIC OF SOUTH AFRICA

international relations & cooperation
Department:
International Relations and Cooperation
REPUBLIC OF SOUTH AFRICA

defence
Department:
Defence
REPUBLIC OF SOUTH AFRICA

MENSAGEM DO NOSSO FUNDADOR



Estimadas Mulheres Africanas em Diálogo

Durante o nosso pequeno-almoço com as mulheres líderes, rodeada por um elevado número de ministras, lembrei-me como, na tradição africana, o respeito é tipicamente atribuído à liderança "identificada". Na SAWID, optámos sempre por ignorar os protocolos hierárquicos. Acreditámos, desde o início, que éramos todas mulheres e, por isso, tínhamos de tratar todas as pessoas na sala com igual respeito. Consequentemente, demos por nós, às vezes, a sentarmo-nos com uma Presidente na mesma fila, em vez de a colocarmos à frente, pois evitámos conscientemente entrar em jogos de poder.

Esta é a terceira vez que acolhemos um evento da AfWID. Quando começámos, tratava-se de uma pequena iniciativa. Primeiro, reunimo-nos num workshop organizado pelos Global Shapers, um grupo de jovens líderes africanos seleccionados por Klaus Schwab em Davos. A reunião teve lugar no Southern Sun Hotel, onde conheci a Sr.ª Emma Kaliya, do Malawi. Durante as nossas reflexões, surgiu a ideia de que poderíamos convocar as mulheres da SADC e estabelecer a nossa própria agenda, em vez de nos limitarmos a adoptar agendas externamente impostas. Estes programas externos, à semelhança dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU e da Agenda 2063 da UA, são de facto valiosos para o continente. Porém, as mulheres das bases também precisavam ter a oportunidade de dar voz às suas experiências vividas para quaisquer intervenções planeadas poderem ser verdadeiramente eficazes.

No hotel, começámos a discutir a maneira de reunir todas as mulheres da SADC. Não tínhamos noção de quão dispendioso seria este esforço! Contudo, desde então, os nossos esforços expandiram-se para abranger todo o continente. Muitas iniciativas importantes começam pequenas. Não me recordo do número exacto de

participantes no nosso primeiro encontro, mas foi uma reunião modesta, centrada no reforço do movimento de mulheres em África. O objectivo consistia em desenvolver projectos e intervenções eficazes em áreas-chave. A nossa abordagem incluía diálogos regionais para identificar questões prementes, que posteriormente culminariam em diálogos continentais de maior dimensão.

Evidentemente, um desafio fundamental é a sustentabilidade financeira. Embora possamos debater a forma como conseguimos angariar os fundos necessários, também acredito que estes esforços nem sempre requerem reuniões físicas. Utilizando o pequeno livro pautado que cada participante recebeu, podemos recolher contactos regionais e criar um diálogo online. À medida que nos vamos conhecendo, reforçamos as nossas conexões. Esta abordagem híbrida permitir-nos-á manter a continuidade sem ter de acarretar custos excessivos.

Um ponto crucial da agenda deste ano é a resolução dos conflitos em África. Os conflitos prevalecem não só no nosso continente, como a nível mundial. No primeiro dia, observámos um momento de silêncio em solidariedade às mulheres envolvidas em conflitos em curso em trinta e cinco países. Agora, para além do reconhecimento silencioso, como podemos intervir?

Historicamente, as Mulheres Sul-Africanas em Diálogo desempenharam um papel activo na resolução de conflitos na RDC. Convidámos todas as partes para a África do Sul, salientando que os problemas não podem ser resolvidos quando as partes interessadas permanecem divididas em espaços separados. A nossa abordagem consistiu em partilhar a experiência da África do Sul na transição de uma nação dividida para uma nação unificada. Incentivámos as partes a encontrarem um consenso sem lhes impor uma única perspectiva. Inicialmente, quando nos encontrámos com as mulheres, estas mostravam-se profundamente zangadas e desconfiadas umas das outras, chegando mesmo a manifestar hostilidade. As histórias que partilhavam eram relatos angustiantes de atrocidades infligidas a mulheres grávidas e de outros sofrimentos inimagináveis que haviam suportado.

Sra. Zanele Mbeki, Presidente do WDB Trust e Fundadora da AfWID



CELEBRAR AS MULHERES PRESENTES NA AFWDI ATRAVÉS DA DANÇA E DEVOÇÃO

POR: LEBOGANG MATHEBULA









Pairava no ar uma grande expectativa, quando senhoras de todos os estratos sociais se juntaram à 3.ª edição do Diálogo Africano das Mulheres (AFWID) no Birchwood Hotel, em Joanesburgo. As delegadas dos 55 países africanos brindaram-nos com moda de alta qualidade, cor e energia vibrante no arranque das actividades da semana. Um grupo de dança Venda deu o pontapé de saída para a semana com os seus cânticos e danças cativantes.

Makona Zwothe, que festeja a rica cultura Venda, auxiliou os participantes a entrar no recinto quando o diálogo estava prestes a começar. Precious Maphakela, que lidera o grupo, diz que a sua missão não é apenas entreter, mas também unir as mulheres através da sua arte. Não há como negar que a sua maneira de se expressar não é apenas fascinante, mas também inspiradora. As senhoras do grupo exibiram o seu talento com grande entusiasmo à entrada do salão principal, enquanto os delegados estavam a ser apresentados e envolvidos pelos tambores e movimentos. A actuação encarnou o espírito de alegria e unidade que flui pela África e pela conferência. Um dos objectivos deste diálogo é abrir um espaço seguro, fácil e feliz para as mulheres do continente e o grupo de dança personificou exactamente essa ideia. A actuação não foi meramente para entretenimento; foi uma peça que representou solidariedade e esperança.

Após a conclusão da actuação, os 1000 participantes foram conduzidos ao salão principal para o início oficial do dia mediante devoções multireligiosas. Para apaziguar os antepassados, fez-se defumação de imphepho (salva) e as orações foram guiadas por membros de religiões tradicionais africanas, hindus, cristãs e muçulmanas. As devoções foram feitas em honra a todos os que estiveram presentes na plenária, incluindo os 55 países presentes. Este segmento foi um ponto de partida para a semana, ancorando e centrando as mulheres antes destas se expressarem sobre as lutas que enfrentam diariamente nos seus respectivos países.

Com as melodias melódicas e poderosas orações da manhã, a conferência teve um início poderoso, demonstrando que a AFWID 2025 seria verdadeiramente um evento transformador e mágico para todos os envolvidos.

DEFICIÊNCIA E INCLUSÃO NA AFWID 2025

POR: JODI A. LAWRENCE





A deficiência e a maneira de incluir as pessoas que vivem com essa condição na nossa sociedade têm sido um tema de actualidade nos últimos tempos. Na conferência Afwid 2025 deste ano, tivemos vários delegados de toda a África que possuem deficiências visíveis, e também aqueles que têm deficiências que só se manifestam quando há luzes brilhantes ou sons altos.

Um estudo realizado em 2021 por Marianne J.W.A Vanderschuren & Obiora A. Nnene mostra que entre 10% e 20% das pessoas em África estão afectadas pela deficiência. A falta de compreensão das necessidades e dos desafios enfrentados pelas pessoas com deficiência provocou um isolamento crescente. Além disso, a maioria dos países do continente apenas inclui superficialmente as pessoas com deficiência nas suas leis ou na planificação urbanística, tornando cada vez mais difícil para as pessoas portadoras de deficiência deslocarem-se para o trabalho, para a escola ou mesmo para se divertirem. O estudo chegou à conclusão de que estas pessoas viajam muito menos do que as pessoas sem deficiência.

É por isso que o local da conferência Afwid 2025 certificou-se de que seriam feitas várias adaptações para ter em conta estes desafios, tais como rampas para cadeiras de rodas, cadeiras de rodas e vaivéns para transportar os delegados. Ao entrevistar Rose R. Rapuo, uma delegada do Quénia, esta afirmou que não se sentiu excluída de nenhuma das actividades que tiveram lugar nos dois últimos dias. Rose serve-se de muletas para facilitar a sua mobilidade e afirmou que as rampas colocadas em zonas estratégicas do local da conferência proporcionaram-lhe um momento agradável.

Contudo, Rose afirmou que coisas simples, como a instalação de uma cadeira na casa de banho, foram negligenciadas, assim como acontece com muitos de nós, que normalmente não consideramos os constrangimentos que as pessoas com deficiência enfrentam. Apesar de a presente conferência e o hotel terem integrado pessoas com deficiência nos vários programas com grande sucesso, é óbvio que ainda há necessidade de uma planificação abrangente que inclua a deficiência.

FACING CONFLICT AND DISPLACEMENT

BY HAWA MAYERE

Eritreia

A Eritreia está situada no Nordeste de África, ao longo da costa do Mar Vermelho, fazendo fronteira com o Sudão, Etiópia e Djibuti. A demografia étnica do país inclui grupos como os Tigrinya, Tigre, Saho, Kunama, Rashaida, Bilen, entre outros, e a demografia religiosa do país é cristã (Copta, Católica Romana e Protestante), Muçulmana e Religião Popular.

Desde a sua independência em 1993, Eritreia tem sido governada pelo Presidente Isaias Afwerki, que detém o poder absoluto. Existe pouca liberdade política e a existência de partidos da oposição é proibida. Este facto tem provocado frustração entre a população, que sente não ter voz nem meios para influenciar o governo.

A instabilidade na Eritreia resulta principalmente de uma combinação de factores políticos, sociais e económicos. Durante anos, o país enfrenta um descontentamento generalizado, principalmente pelo facto de o governo praticar uma forma de serviço nacional por tempo indeterminado, muitas vezes referida como "escravatura nacional". Por exemplo, os jovens são recrutados para o serviço militar e muitos são obrigados a trabalhar em condições difíceis, com salários baixos e sem um termo claro para o seu serviço.

A economia da Eritreia continua subdesenvolvida, na maioria devido a uma combinação de sanções, falta de investimentos e políticas governamentais que os limitam. Há relatórios bastante divulgados de abusos dos direitos humanos, incluindo detenções arbitrárias, tortura e restrições à liberdade de expressão. Os jornalistas, activistas e críticos do governo vêem-se frequentemente presos ou silenciados.

A imposição do silêncio e da prisão obrigou muitas pessoas a procurar asilo político ou a tornarem-se refugiados noutras partes de África. Muitas destas pessoas recorrem ao contrabando para sair do país, e fazem-no muitas vezes durante a noite pelos riscos de morte ou de prisão. Este êxodo em massa deixou o país com uma considerável fuga de cérebros e criou um profundo sentimento de instabilidade.

Dimiana G Habtemariam, de 23 anos, que procurou refúgio nos Estados Unidos, é uma das participantes desta edição da Conferência Afwid.

Início do conflito:
As causas do actual conflito residem em tensões de longa data entre a Eritreia e a Etiópia, que começaram depois de a Eritreia se ter tornado independente da Etiópia em 1993, na sequência de uma guerra de 30 anos. Porém, em 1998 eclodiu uma guerra fronteiriça que durou até 2000, altura em que foi assinado um cessar-fogo, sem nunca se ter chegado a um acordo de paz.

Problemática
O conflito deve-se a várias questões: Disputas fronteiriças, tensões étnicas e políticas e violações dos direitos humanos

Número de mortos:
Só a guerra de Tigray, que envolveu as forças da Eritreia, causou cerca de 600 000 mortes até 2023.

Deslocações:
Mais de 5 milhões de pessoas foram deslocadas devido aos combates, dos quais, 2 milhões internamente na Etiópia e uma parte significativa fugindo para os países vizinhos.

> *"O meu sonho para Eritreia é que a liberdade pela qual lutaram os nossos antepassados seja alcançada. Peço a Deus que nos permita ver a Eritreia florescer". Acrescentou ainda que "estando aqui nesta conferência, é inspirador ver e aprender em primeira mão as experiências das mulheres de todo o continente. Estou impressionada com as diferentes inovações que as mulheres trazem para a mudança nos seus países.*



Sudão

O Sudão é etnicamente diverso, contando com mais de 500 grupos étnicos. Entre os principais grupos contam-se os Árabes, Núbios sudaneses, Beja, Baggara e outros povos de etnia Nilo-Sahariana no Sul, como os Nuer e os Dinka, grupos esses que residem predominantemente nas áreas que se tornaram o Sudão do Sul.

O Sudão é predominantemente Muçulmano (cerca de 97% da população), com a maioria a aderir à fé islâmica sunita. Existe uma pequena minoria cristã (cerca de 3% da população). O Sudão está situado no Nordeste de África, fazendo fronteira com o Egito a Norte e com a Eritreia e a Etiópia a Leste. O Sudão tem uma longa costa no Mar Vermelho, a Leste, que dá acesso a rotas comerciais marítimas vitais.

A instabilidade no Sudão tem sido contínua e é profundamente complexa, especialmente desde Abril de 2023, quando eclodiram os combates entre as Forças Armadas Sudanesas (SAF) e as Forças de Apoio Rápido (RSF), duas poderosas facções militares. Este conflito tem as suas raízes nas lutas pelo poder que se seguiram ao derrube, em 2019, do Presidente sudanês Omar al-Bashir, que governou o país durante quase 30 anos. Após a sua destituição, o Sudão entrou num período de grande volatilidade.

> *O meu desejo para o meu país, o Sudão… Gostaria muito que houvesse uma paz eterna, porque nós, os sudaneses, temos sofrido, especialmente as mulheres e as crianças, com a violência. Apenas desejo que haja uma paz duradoura no país, para podermos viver felizes e para que as mulheres não voltem a sofrer politicamente, com líderes civis a partilhar o poder com os militares.*
>
> Kaka Jackline Diffala, 29 anos.

A violência intensificou-se, sobretudo, em zonas urbanas como Cartum, perturbando a vida quotidiana. Os esforços internacionais para mediar um cessar-fogo falharam em grande medida e a situação permanece volátil, com desafios significativos na prestação de ajuda às populações afectadas.

Início do conflito:
A violência começou em 15 de Abril de 2023.

Questão:
A causa imediata do conflito resulta de uma luta pelo poder entre os dois generais, que estiveram numa frágil aliança desde 2019. Ambas as facções competiam pelo controlo da transição do Sudão para um governo liderado por civis.

Número de mortos:
Desde o início de 2025, o número de mortos ultrapassou os 100 000. Além disso, milhões de pessoas foram deslocadas, tanto internamente como para os países vizinhos.



Moçambique

Localizado no Sudeste de África, fazendo fronteira com o Oceano Índico a Leste, com a Tanzânia, a Norte, com o Malawi e a Zâmbia a Noroeste, com o Zimbabwe a Oeste e com a África do Sul e Eswatini (antiga Suazilândia) a Sul.

Moçambique é etnicamente diverso, com vários grupos étnicos importantes, incluindo os Makua, Tsonga, Sena, Ndau e Shona. Moçambique é predominantemente cristão, com 60-70% da população a identificar-se como cristã. Existe também uma população muçulmana significativa, especialmente nas regiões costeiras, que representa cerca de 20% da população. As religiões tradicionais africanas são praticadas por uma percentagem menor da população.

A instabilidade em Moçambique, particularmente na região Norte de Cabo Delgado, constitui uma crise significativa e complexa que começou por volta de 2017 e continua a causar uma devastação generalizada.

As disparidades económicas e as reivindicações locais - apesar de Moçambique ser rico em recursos naturais - em particular as reservas de gás natural "offshore" - atormentam há muito Cabo Delgado, uma das regiões mais pobres de Moçambique. Com a escalada do conflito, grupos extremistas, incluindo facções afiliadas ao ISIS, começaram a enraizar-se na região.

O governo moçambicano tem-se esforçado no sentido de controlar a insurreição, baseando-se fortemente em respostas militares. As forças de segurança têm sido criticadas por cometerem violações dos direitos humanos, incluindo execuções extrajudiciais e deslocamentos forçadas. Em 2021, o governo solicitou a assistência estrangeira, designadamente do Ruanda e das forças da SADC (Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral), que contribuíram para a recuperação de cidades importantes e para o restabelecimento de uma certa estabilidade.

A situação continua a ser altamente instável e, embora se esforcem para instaurar a paz, uma solução duradoura parece ilusória enquanto as questões subjacentes - desigualdade económica, privação de direitos a nível local e extremismo - continuarem por resolver. O conflito devastou as comunidades locais, deixando milhões de pessoas sem bens de primeira necessidade e afectando gravemente a vida dos moçambicanos. Por exemplo, a delegada Celina Benjaminim Dos Santos Mataca, de 49 anos, diz:

> *Tudo é muito caro: comida, energia, água... No meu sonho para o meu país, desejo que os preços das coisas baixem de modo que todos possam comprá-las. Hoje, não se pode comprar coisas como frango, porque é muito caro*

Início do conflito:
A violência começou em Outubro de 2017.

Questão:
O conflito é alimentado por uma combinação de factores, incluindo a desigualdade económica e social.

Número de mortos:
A partir de 2025, as estimativas sugerem que mais de 4.000 pessoas foram mortas e quase 1 milhão foram deslocadas devido à violência.

RDC

A República Democrática do Congo (RDC) é o lar de mais de 200 grupos étnicos. Os maiores grupos compreendem os Luba, Mongo, Kongo e Tutsi, entre muitos outros.

Durante anos, o conflito na RDC foi palco de violações generalizadas dos direitos humanos, incluindo assassinatos em massa, violência sexual e deslocações forçadas. A ONU detém uma das suas maiores missões de manutenção da paz (MONUSCO) na RDC desde o início da década de 2000, apesar da sua presença, a violência tem continuado.

A RDC tem-se deparado com uma governação fraca, corrupção e instituições ineficazes. De salientar que a RDC é extremamente rica em recursos, com vastos depósitos de minerais como o coltan, diamantes e ouro. Entretanto, esses recursos têm atraído actores internos e externos, alimentando conflitos derivados desses recursos.

O conflito em curso neste país é múltiplo e está profundamente enraizado numa combinação de factores históricos, políticos, económicos e sociais. Entre as principais razões na origem do actual conflito, contam-se o legado colonial, as tensões étnicas e as políticas de identidade, intervenções estrangeiras, os grupos rebeldes e as milícias armadas, para referir apenas algumas. O conflito na RDC pode, por conseguinte, ser resumido como o resultado de uma combinação de queixas históricas profundamente radicadas, de uma luta pelo controlo dos recursos, tensões étnicas, uma governação deficiente e de um envolvimento estrangeiro.

A composição demográfica da RDC, combinada com factores históricos, políticos e económicos, criou um ambiente volátil no qual vários intervenientes, tanto internos como externos, contribuíram para o conflito em curso.

Para resolver estas questões, é necessário solucionar as deficiências de governação, promover o diálogo nacional e gerir a competição pelos recursos de uma forma que beneficie todos os congoleses e não apenas as elites ou os interesses estrangeiros. Bambe Cikunda Annie expressou o seu desejo de que "Em síntese, gostaria de ver o meu país, a República Democrática do Congo, um país onde reine a paz. Onde as mulheres e as raparigas vivam com dignidade e onde a violência contra as mulheres e a violação deixem de existir no meu país, a RDC".

Início do conflito:
As raízes do actual conflito remontam ao rescaldo da Segunda Guerra do Congo (1998-2003), que envolveu vários países vizinhos. A actual rebelião começou em Abril de 2012

Questão:
O conflito no leste da RDC é alimentado por uma combinação de factores, incluindo tensões étnicas, controlo dos recursos, fraqueza do governo central e interesses regionais

Número de mortos:
O número de mortos no conflito no leste da RDC é difícil de estimar com exactidão devido à natureza prolongada da violência. No entanto, pensa-se que, desde o início do conflito, no final da década de 1990, morreram mais de 5 milhões de pessoas.



A DELEGAÇÃO DA ZÂMBIA EXORTA ATENÇÃO PARA AS NECESSIDADES ESPECIAIS

POR: NONKULULEKO MURAVHA





A delegação zambiana sofreu uma breve perturbação aquando do embarque antes de aterrar em solo sul-africano para a 3.ª Conferência Anual da AFWID.

Ao darmos as boas-vindas aos delegados da "Afwidianos" na África do Sul, recebendo-os no nosso aeroporto internacional OR Tambo e avistando-os pela primeira vez, foi possível reconhecermo-nos reciprocamente pela nossa linda marca e pelos sorrisos maravilhosos deles.

Num clima de celebração e mais do que entusiasmadas por aterrarem em solo pátrio, as mulheres zambianas contaram, no entanto, uma experiência perturbadora que tiveram com a acessibilidade do alojamento para os seus delegados portadores de deficiência.

De acordo com uma das delegadas zambianas, Muka Nyambe, de 33 anos, e também coordenadora da daquela delegação, quando estavam prestes a embarcar no voo, não acreditavam que houvesse dificuldades para os participantes portadores com cadeira de rodas, mas assim que embarcaram, surgiram obstáculos, pois não conseguiam aceder aos serviços para portadores de deficiência, o que quase levou ao atraso do voo, mas felizmente o pessoal da companhia aérea South African Airways agiu prontamente, desculpou-se e providenciou o necessário para as necessidades especiais dos passageiros.

A Srª. Muka deu algumas palavras às pessoas que embarcavam pela primeira vez. Uma das sugestões que partilhou foi o facto de se dever levar sempre o essencial, como medicamentos para as dores de cabeça e para a febre, e de os passageiros deverem ouvir atentamente todas as instruções dadas pela tripulação e cumpri-las.

Acrescentou ainda que "não foram comunicados problemas meteorológicos e as condições eram favoráveis", o que fez com que aterrassem em segurança e até 20 minutos antes da hora prevista, permitindo que os delegados se encontrassem, cumprimentassem e desfrutassem da conferência.

MENSAGEM DE APOIO DA SAWID À AFWID



Mensagem de Apoio a AFWID 2025

O Conselho de Administração da South African Women in Dialogue (SAWID) endereça-lhe esta missiva com grande admiração e respeito, na qualidade de orgulhosa organização irmã a nível nacional. Apresentamos as maiores felicitações a si e à sua equipa pelo extraordinário feito de reunir 1000 mulheres de 55 países africanos pela segunda vez em seis anos.

Numa época de geopolítica conflituosa e do seu impacto sobre as mulheres, com a erosão diária dos princípios em matéria de justiça e solidariedade, e a visível reacção contra a igualdade de género e a agenda feminista, que visa silenciar as vozes das mulheres, estamos muito inspiradas por esta demonstração de mulheres africanas, activistas de género e feministas que se esforçam por dar as mãos e trabalhar em conjunto.

É muito fácil sentirmo-nos desencorajados pelo declínio global da coexistência pacífica e pelo aumento da violência baseada no género e do feminicídio, porém, Vós guiais-nos para notarmos o aumento do número de mulheres líderes em várias áreas do continente africano e do mundo.

O Progresso nos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável: The Gender Snapshot 2024 das Nações Unidas mostrou que as mulheres detêm agora um em cada quatro assentos parlamentares no mundo, e o número de mulheres e raparigas que vivem em pobreza extrema caiu para menos de 10%.

Lamentavelmente, nenhum dos indicadores do objectivo 5 dos ODS, o objectivo da igualdade de género, foi cumprido. Cerca de uma em cada 4 raparigas continua a casar ainda criança e serão necessários cerca de 137 anos para retirar todas as mulheres e raparigas da pobreza.

Por conseguinte, a vossa notável realização não só sublinha a força e a unidade das mulheres em todo o continente, como também reflecte o poder da colaboração e a vossa visão de investir nas vozes das mulheres africanas para enfrentar os inúmeros desafios críticos que o nosso país, o nosso continente e o mundo ainda enfrentam actualmente, incluindo os níveis gritantes de desigualdade e pobreza e os crescentes desafios socioeconómicos que afectam diariamente a vida das mulheres africanas e das suas famílias.

A vossa iniciativa de reunir vozes de mulheres de toda a África é um profundo reconhecimento do papel fundamental que as mulheres desempenham na mudança, não só nas suas comunidades, como também à escala global. Para nós, como Sawidianos, este diálogo serve como celebração dos extraordinários avanços das mulheres e como um apelo contínuo à ação, visto que a jornada em direcção a um mundo justo, equitativo, pacífico e compassivo continua em andamento.

Valorizamos profundamente a ênfase que o WDB Trust e a AFWID colocaram na paz como uma pedra angular para o desenvolvimento das mulheres. A base da paz começa na unidade familiar, onde as mulheres actuam frequentemente como as principais nutridoras e pacificadoras. Ao promover ambientes de compreensão, harmonia e resiliência a este nível, podemos construir uma sociedade mais forte e mais equitativa para as gerações futuras.

Além disso, aplaudimos a vossa dedicação em encontrar soluções tangíveis que melhorem o bem-estar geral das mulheres africanas e das suas famílias, respondendo às suas necessidades fundamentais de crescimento, igualdade e qualidade de vida.

Na SAWID, empenhamo-nos em estar ao vosso lado neste nobre esforço. Comprometemo-nos a dar o nosso apoio inabalável para contribuir para o sucesso desta iniciativa. Procuramos participar activamente nas conversações antes, durante e após o evento, emprestando a nossa voz, recursos e solidariedade para impulsionar os objectivos comuns que nos são preciosos.

O vosso trabalho inspira-nos a todas, recordando-nos o poder transformador das mulheres unidas em objectivos e acções. Por favor, contem connosco como aliados firmes na vossa missão de elevar, capacitar e trazer mudanças duradouras às mulheres e às suas famílias em todo o continente e além.

Melhores cumprimentos e em solidariedade.

Sra. N.F. Thoko Mpumlwana
PCA da SAWID

Sra. Vatiswa Moea
Directora Executiva da SAWID

MULHERES AFRICANAS UNEM-SE NO III.º ENCONTRO DE MULHERES AFRICANAS EM DIÁLOGO

POR: NKHENSANI NKHWASHU





O terceiro encontro das Mulheres Africanas em Diálogo (AFWID) teve o seu início na Segunda-feira, reunindo vozes influentes e agentes de mudança de todo o continente.

O evento começou com um discurso de boas-vindas de Riah Phiyega, Directora Executiva do WDB Trust. Phiyega frisou que o tema "A voz e o poder das mulheres como agentes de mudança" realça a urgência da ação colectiva como uma prioridade para todas as mulheres. "Ao reunirmo-nos aqui, recordamos os progressos que realizámos e os desafios que ainda temos pela frente. Os nossos esforços colectivos trouxeram-nos até aqui, embora ainda haja muito mais a fazer. Enquanto mulheres, temos de continuar a defender políticas que nos capacitem económica, social, politicamente e noutros domínios. Temos de desafiar as barreiras sistémicas que obstaculizam o nosso progresso e temos de nos unir na nossa luta contra a exclusão e a violência baseada no género."

A Sra. Phiyega referiu-se aos desafios enfrentados pelas mulheres nas comunidades rurais de todo o continente. "Estas mulheres representam a espinha dorsal das suas comunidades, apesar de as pessoas não saberem, trabalham incansavelmente e muitas vezes com acesso limitado à educação, aos cuidados de saúde e às oportunidades económicas. Estas mulheres são desproporcionalmente afectadas pela pobreza, pela falta de infraestruturas e pelo impacto das alterações climáticas. As suas vozes não são frequentemente ouvidas e as suas necessidades não são satisfeitas".

Falou sobre a importância da criação de espaços seguros para que as mulheres se curem e se capacitem para se tornarem agentes de mudança. Exortou também as mulheres a se inspirarem mutuamente para serem protagonistas da transformação.

Na sua mensagem de apoio, a Dr.ª Nkosazana Dlamini-Zuma, ex-Presidente da União Africana, salientou os desafios enfrentados pela maioria das mulheres no continente que impedem estas de serem ouvidas. Afirmou que muitas mulheres não conseguem ter voz devido à pobreza, sublinhando a necessidade de trabalhar arduamente para sair da pobreza.

Além disso, sublinhou que o acesso à educação e a aquisição de competências relevantes colocam desafios significativos. Observou ser crucial que essas competências se traduzam em oportunidades económicas, visto que as mulheres na maioria dos países enfrentam um grande obstáculo, designadamente o acesso limitado a recursos financeiros.

Por outro lado, também apoiou a posição de Phiyega de que a falta de acesso aos cuidados de saúde representa um grande desafio.

Thoko Mpumlwana, presidente da South African Women in Dialogue (SAWID), organização irmã da AFWID, afirmou "Esta reunião acontece numa altura em que a geopolítica desafia as irmãs no nosso continente, especialmente no Médio Oriente. O que nos assusta é a erosão da justiça, solidariedade e retrocesso na igualdade de género e na agenda feminista. Por isso, ao reunirmo-nos aqui, lembremo-nos de que devemos dar as mãos e ser solidárias umas com as outras em todos os momentos. Os objectivos de desenvolvimento sustentável dizem-nos que temos de garantir que, pelo menos, a pobreza, entre muitas outras coisas, seja combatida".

A Comissária também exortou os delegados a continuarem a lutar pela igualdade de género, antes de prometer a solidariedade e o apoio da SAWID à AFWID. "Estaremos sempre presentes, emprestando a nossa voz, os nossos



recursos e a nossa solidariedade convosco. O vosso trabalho inspira-nos e desejamos-vos felicidades. África é a nossa casa - vamos fazer com que funcione".

Discursando perante os delegados, a Dr.ª Stellah Bosire, activista dos direitos humanos, médica e escritora oriunda do Quénia, agradeceu aos veteranos que pavimentaram o caminho para as jovens. "Eu sou porque vós sois, e nós somos porque vós sois. Estas mulheres deram-nos a voz, a presença e a confiança".

Disse ainda que o seu legado inspirou as mulheres reunidas nesta sala, redefinindo corajosamente o panorama da liderança feminina e amplificando as vozes silenciadas durante muito tempo. "Obrigada por pavimentar o caminho".

Agradeceu também às mulheres cujos esforços incessantes continuam a alimentar a determinação de levar o trabalho adiante. "A vossa força, a vossa visão e a vossa coragem inspiram-nos".

A Dr.ª Bosire também abordou o ataque perpetrado contra os corpos de mulheres e de indivíduos com diversidade de género, afirmando que não se trata de uma questão isolada, mas sim de uma tendência global abrangente e profundamente preocupante.
"As mulheres, em toda a sua diversidade, enfrentam uma crescente violência e opressão, impulsionadas por forças poderosas no seio do movimento anti-género. Este movimento, alimentado por uma liderança fascista e autoritária, é impulsionado por uma coligação de três grupos conservadores: governos, instituições religiosas e organizações da sociedade civil. Juntos, formaram alianças nacionais e transnacionais com uma agenda comum destinada a fazer retroceder os direitos das mulheres e das pessoas com diversidade de género".

O ESPÍRITO DE UNIDADE REFLECTIDO NO COMBINAR DOS COLORIDOS TRAJES

POR: LINDOKUHLE MAINDY MABENA

O tema do dia espelhou a beleza africana, o espírito de unidade e o Ubuntu quando os delegados oriundos dos 55 países de África aterraram no Aeroporto Internacional OR Tambo.

No Domingo, 26 de Janeiro de 2025, as mulheres desembarcaram em grupos de 16 nas primeiras horas da manhã, logo às 03:55, em trajes coloridos e alusivos ao tema. As delegadas de muitos dos países apareceram numa só cor, simbolizando a unidade entre elas, todas com o mesmo espírito, repletas de entusiasmo.

Maimuna Secka, 48 anos, da Gâmbia, partilhou que esta era a primeira vez que participava num encontro das Mulheres Africanas em Diálogo, contudo, sentiu-se calorosamente abraçada por todas as irmãs de outros países, visto que todas aterraram no mesmo aeroporto e todas as delegadas rapidamente se tornaram uma só, independentemente de quem chegou de onde.

Sinah Masemola, 55 anos, coordenadora sul-africana das Mulheres em Diálogo, de Limpopo, disse que, para ela, ser africana significa unidade e, por isso, "se as mulheres não estiverem unidas, nada se resolve".

Dumi Gatsha, 34 anos, fundadora de uma empresa denominada Success Capital, em Botswana, disse estar satisfeita por existir tantos outros activistas feministas queer que conheceu nos últimos cinco anos e agradeceu o facto de não ter sido a primeira pessoa não-binária e com diversidade de género a participar na AFWID: "Penso que é muito importante, apenas para reflectir cinco anos depois, em estar aqui e conectar-se com outros indivíduos pan-africanos".









MULHERES AFRICANAS INFLUENTES MOLDAM O FUTURO NO PEQUENO-ALMOÇO DA AFWID 2025

POR: AKHONA VALASHIYA

À medida que a influente conferência Mulheres Africanas em Diálogo (AfWID) continua, o segundo dia da conferência começou com um pequeno-almoço entre os delegados da AfWID e o Conselho de Administração da WDB, e mulheres líderes dos 55 países africanos representados.

Sob o lema "As vozes e o poder das mulheres como agentes de mudança", o discurso começou com uma nota descontraída, em que os participantes recordaram as suas memórias da Plataforma de Ação de Pequim, e os debates intensificaram-se para fortalecer o Movimento das Mulheres Africanas e exploraram a continuação e a sustentabilidade da AfWID como uma plataforma para contribuir na resolução de conflitos e na manutenção da paz em África.

(Resumidamente, a Declaração de Pequim de 1995 e a sua Plataforma de Ação foram adoptadas por 189 países como uma iniciativa para impulsionar o empoderamento das mulheres e raparigas).

Entre muitos dos presentes no pequeno-almoço encontrava-se a política e idealista, Dr.ª Agary Timiebi Augusta Koripamo da Nigéria, que liderou o Programa de Ação em Pequim em 1995. A Dr.ª Timiebi é uma grande defensora do diálogo entre mulheres. Este facto ficou patente nas suas palavras quando afirmou: "Temos de continuar, enquanto mulheres, a insistir no diálogo e não pode haver substitutos para os diálogos."

Dando as boas-vindas aos delegados, Ma'Mbeki exortou todos os presentes à mesa do pequeno-almoço a encorajar a aplicação de esforços iguais na tentativa de resolver o conflito em Moçambique – como foi feito nas negociações de paz da República Democrática do Congo.

Sobre o nascimento da AfWID, Ma'Mbeki diz que foi uma ideia conceitual que surgiu na primeira reunião de mulheres dos Países de Desenvolvimento da África Austral (SADC). "A ideia surgiu da necessidade de reunir as mulheres da SADC para podermos conversar e ter a nossa própria agenda e não a imposta por outros", disse Ma'Mbeki.

Este pequeno-almoço serviu de força motriz para as almas apaixonadas das heroínas que não usam capas - as mulheres líderes de todo o continente africano.









SOBRE O FUTURO QUE QUEREMOS: P/R E RECOMENDAÇÕES

POR: HAWA MAYERE

Pergunta
"Michal, como alguém que vem de um país com o qual se preocupa profundamente, mas que já não pode aceder devido a um conflito, como pode inspirar os outros refugiados -- aqueles que foram obrigados a fugir ou que permanecem afastados dos seus países de origem devido à instabilidade e perturbação governamental? Como podemos continuar a lutar e a apoiar a nossa pátria à distância?" – Marie Justine Mpano Mutabazi, 21 anos, Ruanda.

Resposta – Michal Petros
Contar histórias é mais do que uma forma de preservar a cultura; é uma ferramenta poderosa de sobrevivência e expressão, especialmente face a regimes opressivos. Os media da diáspora desempenham um papel vital ao dar voz aos que são silenciados no seu país. Envolva-se com meios que ofereçam uma linha de vida – espaços onde possa criticar e debater sobre o caminho a seguir.

Transformar a dor e a luta na sua narrativa pessoal é um profundo ato de desafio. Ao partilhar a sua história, não só preserva a sua cultura, como também mantém viva a luta pela sua pátria, mesmo à distância, por conseguinte, a sua vida.

Pergunta:
"Como podemos ampliar mais as vozes das mulheres com deficiência nos debates e medidas podemos adoptar para garantir uma verdadeira inclusão e igualdade para todas as mulheres que vivem com deficiência?" – Maseray Brima, 41 anos, delegada cega da Serra Leoa

Resposta: Jennifer Abomnger
Embora as pessoas com deficiência estejam frequentemente representadas nos debates, nem sempre estão totalmente incluídas ou podem participar significativamente. A tónica tende a ser colocada na demonstração de capacidades, ao invés de se providenciarem as adaptações necessárias para as diversas deficiências. Em muitos contextos, incluindo em África, a compreensão da deficiência continua a ser limitada, com ênfase sobretudo nas deficiências físicas. Este facto ignora outras formas importantes de deficiência, como as deficiências mentais, intelectuais e psicossociais. Para garantir a verdadeira inclusão e igualdade, é essencial reconhecer e abordar as necessidades únicas de todas as mulheres com deficiência, defendendo espaços acessíveis, apoio personalizado e a inclusão activa de diversas vozes em todas as plataformas.






Recomendações sobre o caminho a seguir
Recomendações da Advogada Thando Gumede:
Salientou a necessidade de restaurar o respeito e o valor das mulheres, que historicamente têm sido fundamentais para a estabilidade e o sustento económico das famílias africanas.

Acrescentou igualmente a necessidade de revitalizar as famílias e comunidades africanas, salientando a importância de cada indivíduo compreender o seu papel e responsabilidade no seio da comunidade. Isso inclui trabalhar em conjunto em unidade, organizar-se para o progresso e reconhecer que nem todos ocuparão posições elevadas, mas que todos os papéis são importantes.

Salientou a necessidade de as jovens africanas assumirem a liderança, planearem o futuro e utilizarem a tecnologia e os recursos de forma responsável para impulsionar a mudança.

Yvonne Muma Bih, proveniente dos Camarões, defendeu uma África sem fronteiras, onde as crianças africanas possam viajar livremente, fazer comércio e receber educação em todo o continente. Yvonne acredita que uma África unida e mais forte, com a liderança e as vozes das mulheres, ultrapassará as barreiras do neocolonialismo e conduzirá o mundo a um futuro mais brilhante.

CONECTAR-SE A SI PRÓPRIO E COM OUTROS

POR: LINDOKUHLE MABENA



A Segunda-feira, 27 de Janeiro de 2025, assinalou o primeiro dia do 3.º encontro do fórum "Africanos em Diálogo", durante o qual os participantes foram divididos em grupos para assistir a sessões de recuperação para os conectar a si próprios e aos outros.

Nestas sessões, os participantes puderam reflectir sobre profundamente o seu eu interior e sobre as suas relações com os outros através de exercícios que estimularam os seus pensamentos e experiências para lhes facultar a cura.

Durante as sessões, queimou-se incenso e acenderam-se velas, cada uma simbolizando um significado diferente consoante a sua cor, como referiu um dos facilitadores...

- Uma vela verde simboliza a prosperidade, o sucesso e a saúde.
- Uma vela amarela simboliza a inteligência, concentração, aprendizagem, bloqueios mentais, sabedoria, clareza, confiança e a lógica.
- Uma vela cor-de-rosa simboliza o amor incondicional, afecto, amor-próprio, reconciliação, amizade e a felicidade.
- Uma vela azul simboliza a cura emocional, comunicação, criatividade, concentração, justiça, inspiração, a harmonia e paz de espírito.
- Uma vela branca simboliza a serenidade, cura, renovação e purificação.

A ênfase foi colocada na vida como uma viagem, incluindo o nosso passado, e talvez quaisquer experiências traumáticas das quais gostaríamos de nos curar. Os participantes foram incumbidos de traçar o pé com que lideram e depois pintá-lo da forma que desejassem. Esta tarefa destinava-se a fazer reflectir os sobre o seu percurso de vida, onde estiveram, onde nunca estiveram e onde gostariam de se ver. A Coordenadora das Mulheres Sul-Africanas em Diálogo na Província de Fee-State (África do Sul), Francinah Sehlabaka, partilhou a importância de existirem estruturas onde as mulheres possam usufruir de um espaço seguro para curar as suas feridas interiores, partilhar o amor e capacitarem-se mutuamente. Sehlabaka afirmou que a maneira como nos sentimos determina o que podemos ou não fazer em qualquer momento, pelo que é essencial que se tenha um espaço privado para se reconectar a si próprios e um espaço seguro se reconectar com os outros.

A terceira sessão envolveu escrever coisas que as participantes queriam deixar no passado e abrir algum espaço nas suas almas para receberem amor incondicional das suas companheiras irmãs. Cada uma recebeu um papel em branco para escrever tudo o que deveria deixar no passado, dobrou o papel e rasgou-o em pedaços. O rasgar simbolizava a ruptura de uma cadeia de maus hábitos ou outras coisas que pudessem ter sido obstáculos nas suas vidas. Anago Judicial Grace, 40 anos, do Benim, disse que participar da sessão de quebra é algo que ela deveria ter feito há muito tempo, porque falar sobre as coisas abre o caminho para a cura e também lança luz sobre a vida como uma jornada..

DESGASTANDO AS NOSSAS HISTÓRIAS COM ESTILO!

Quando nos reunimos nos espaços e recantos de Birchwood, a nossa morada, por cinco gloriosos dias de interacção, reflexão e sapiência de mulheres fortes, trouxemos vida neste lugar com os nossos trajes. Em cada esquina, as AfWIDianas ostentaram padrões e cores deslumbrantes – desde estampados ousados a vestidos esvoaçantes e brilhantes peças feitas de missangas. Transportámos o nosso estilo pessoal com facilidade, trazendo a nossa própria interpretação de elegância a esta reunião e mostrando que a moda não se resume em etiquetas, mais, sim, na confiança com que usamos as nossas histórias.





















PROSPERIDADE ECONÓMICA NUM MUNDO CAPITALISTA: AS MULHERES AFRICANAS PODEM REALMENTE PROSPERAR?

POR: HAWA MAYERE

Em 2025, parece retórico questionar se as mulheres africanas podem realmente prosperar e participar no denominado "sistema económico próspero"?

Entretanto, dada a história da realidade de que o sistema económico foi estruturado para limitar muitas vezes o acesso dos africanos aos recursos e às oportunidades, demonstra-se ainda que os grupos marginalizados de mulheres africanas enfrentam múltiplas camadas de desvantagem.

Para as mulheres africanas prosperarem, é preciso lutar contra as barreiras sistémicas, reforçar a solidariedade e encontrar meios de capacitação e de auxílio para alcançar o desenvolvimento sustentável e a inovação.
Na sessão, foram levantadas duas perguntas-chave que contribuíram ao esclarecimento da melhor forma de avançar como mulheres africanas num mundo capitalista.

O que significa prosperidade económica na sua vida pessoal?
Significa quebrar ciclos de pobreza, criar riqueza geracional e contribuir para uma mudança cultural mais vasta no qual as mulheres desempenham papéis fundamentais. A verdadeira prosperidade económica significa viver com um objectivo, com acesso a todos os recursos necessários para alcançar a nossa visão.

Para além de alguns comentários dos participantes, a Advogada Brenda Madumise, 60 anos, da África do Sul, afirmou: "O sistema foi concebido para perpetuar a desigualdade". Sublinhou a maneira como as actuais estruturas económicas foram estabelecidas com o intuito de subjugar e que as mulheres negras, em particular, estão presas em ciclos de pobreza e exploração.

Ecoando os sentimentos do delegado anterior, Lando Dlamini (35), de Eswatini, observou que "a prosperidade económica não tem apenas a ver com a criação de riqueza, mas também com a valorização de diversos contributos e com a quebra de sistemas que historicamente excluíram ou marginalizaram determinados grupos"

O que significa solidariedade económica e como se manifesta na realidade?
A solidariedade económica refere-se muitas vezes ao apoio colectivo das mulheres e das comunidades para construir o poder económico em conjunto. Na África do Sul, o termo Stokvel refere-se a um clube de poupança de base comunitária que promove o reforço da solidariedade económica no seio da comunidade.

Outros pontos-chave discutidos para solidificar ainda mais a prosperidade económica numa sociedade capitalista foram:

- Plataformas digitais para a solidariedade económica, que devem apoiar o financiamento colectivo de empresas lideradas por mulheres e mobilizar mais redes de partilha de recursos para uma maior participação das mulheres africanas no sistema económico, para prosperar.
- Espaços de intercâmbio de competências e conhecimentos onde as pessoas poderão oferecer serviços ou conhecimentos em troca de outros serviços, promovendo uma economia de apoio mútuo.

Para concluir, recomendou-se que, para uma maior colaboração entre as mulheres do continente, fosse fundamental criar grupos de poupança tradicionais que pudessem estabelecer uma versão moderna dos círculos de empréstimos comunitários, em que pequenos grupos de pessoas juntam fundos para conceder empréstimos sem juros aos membros necessitados, centrando-se nos grupos marginalizados ou economicamente vulneráveis.



RE-IMAGINAR O NOSSO 'FUTURO PARA ALÉM DE PEQUIM'

POR: LINDOKUHLE MABENA

A Directora do Programa, Mildred Ngesa, uma jornalista galardoada, especialista em mídia e comunicação, e formadora em liderança transformacional, foi a moderadora do painel de debates no segundo dia da conferência, e iniciou a sessão citando a frase: "Os jovens podem andar mais rápido, mas os mais velhos sabem o caminho". Em seguida, apresentou os membros do painel, com as mulheres lendárias que desempenharam um papel fundamental na Declaração e Plataforma de Ação de Pequim (PFA) de 1995.

Em 2025, completam-se exactamente 30 anos da Conferência de Pequim, que estabeleceu objectivos e acções estratégicas para o progresso das mulheres e a concretização da igualdade de género em 12 áreas essenciais de preocupação, como mulheres e a pobreza, educação e formação das mulheres, mulheres e saúde, violência contra as mulheres, mulheres e conflitos armados, mulheres e economia e mulheres no poder e na tomada de decisões.

O painel analisou os progressos realizados desde a declaração e explorou também novas avenidas para promover a igualdade de género em África.

Os membros do painel foram Dan Entseya, economista e analista de políticas públicas do Senegal, Jennifer Abomnger, defensora da inclusão da deficiência e da diversidade, facilitadora da saúde sexual e reprodutiva e defensora da justiça climática da Nigéria, Michal Petros, fotógrafa e gestora de projectos envolvida na construção de comunidades da Eritreia, e Thando Gumede, comissário sul-africano para a igualdade de género, e Nagwa Ibrahim, fundadora e Diretor-executivo da Fundação Edraak para o Desenvolvimento e a Igualdade, do Egito. Coordena também o Grupo de Jovens Feministas.









OS HOMENS COMO ALIADOS DA AFWID

POR: LEBOGANG MATHEBULA



Tratando-se de um continente cheio de violência contra as mulheres, pobreza e desigualdade de género, o apoio às mulheres é um passo essencial para erradicar todas estas questões. As mulheres em África enfrentam constantemente uma série de desafios, não só no mundo em geral, mas muitas vezes nas suas casas. Entretanto, a mobilização constante das mulheres através de movimentos e plataformas como a AFWID provou ter um efeito de repercussão nos homens que se tornam aliados da causa. Isso tornou-se evidente quando a AFWID deu as boas-vindas à sua primeira criança participante, que veio com a família Sibanze.

Afua Wilcox-Sibanze, mãe, esposa e companheira de Zanele Mbeki, participou na conferência pela segunda vez, mas nesta ocasião foi acompanhada pela sua família. Afua Wilcox-Sibanze disse que esperava ansiosamente pela conferência, pois era um lugar de renovação e cura para ela, mas que era um desafio, pois tinha acabado de ter um bebé. De acordo com as normas sociais, espera-se frequentemente que as mães renunciem aos seus próprios interesses e vidas para cuidar dos seus filhos. Até hoje, países como o Sudão do Sul, Chade e a Somália tratam as necessidades e os direitos das mulheres como um assunto secundário, onde elas não têm voz ativa. Wilcox-Sibanze, que é natural do Reino de Eswatini, diz que pôde participar principalmente devido à disponibilidade do marido para a ajudar nesta experiência. A Sra. expressou como esta plataforma teve um impacto positivo na sua saúde mental e na cura, o que lhe permitiu estar mais apaixonada pela sua família.

"Como homem, acredito que o facto de as mulheres serem impedidas de participar tem impedido metade do potencial do continente". Estas são as palavras de Thamsanqa Sibanze, que, a título pessoal, está envolvido em várias organizações que se dedicam à elevação das mulheres. Ele acredita que estas plataformas são importantes porque permitem que as mulheres do nosso continente cresçam como indivíduos, o que, por sua vez, lhes permitirá enriquecer e alimentar as gerações futuras. O pai apaixonado da jovem Iminathi Sibanze diz que achou fundamental abandonar os seus próprios compromissos para dar à sua mulher o apoio necessário, visto que o objetivo final é uma estrutura familiar saudável. Também está ansioso por trabalhar com outros para difundir esses valores em todo o continente, efetuar mudanças e fazer a diferença. Sibanze diz que o apoio às mulheres tem faltado visivelmente no continente, sendo que muitas mulheres ainda passam por enormes quantidades de opressão. Estar num espaço que permite às mulheres expressarem-se motivou-o a mobilizar outras pessoas nas suas próprias áreas. A mobilização pode ser feita através de programas de sensibilização, workshops e até conferências que ensinam os homens a mostrarem-se apaixonados.

A Sra. Wilcox-Sibanze admite que é um pouco mais difícil assistir à conferência com um bebé pequeno. A Sra. disse: "Não sou capaz de me imergir tão completamente como costumo fazer porque tenho o meu filho comigo", no entanto, ela ainda pode reabastecer-se e curar-se através dos programas, mesmo que não possa assistir a todos eles.

ANSIEDADE PELA CASA

POR: GUGULETHU MAYISELA

"Ânsia – um sentimento de desejo intenso por algo"

Num continente marcado por tensões políticas e conflitos, a migração não é muitas vezes uma questão de escolha.

A história da migração em África está enraizada numa dor profunda, que começou com a remoção forçada dos nossos antepassados como escravos para terras distantes. Agora, a questão da deslocação continua a ser agravada pela incapacidade dos líderes de satisfazerem as necessidades dos seus povos, contribuindo para uma crise migratória global. A expressão "migrante indocumentado" lembra frequentemente a imagem de uma mulher e de uma criança africanas, constituindo uma recordação clara das lutas que muitos enfrentam actualmente. A migração e a mobilidade humana são inseparáveis da narrativa de África, uma história marcada por dificuldades e resiliência.

Actualmente, para muitos, deixar para trás a sua terra natal é motivado pelas duras realidades da guerra e da instabilidade. No entanto, para outros, a decisão de se deslocarem de um país para outro é motivada pela procura de melhores oportunidades de carreira e de um futuro mais risonho.

A migração acarreta profundos traumas emocionais e psicológicos, desde os desafios de navegar pelos processos de documentação até à xenofobia e à luta para encontrar um lugar a que pertencer. Com o aumento da imigração, muitos procuram um sentimento de lar e de aceitação nos seus novos países. Na África do Sul, por exemplo, há indivíduos que nasceram e cresceram no país, mas o governo ainda os vê como imigrantes, negando-lhes o reconhecimento e a pertença que merecem.

Enquanto a Dr.ª Nkosazana Dlamini-Zuma e outros promovem os projectos emblemáticos da Agenda 63 para a mudança no continente africano, um passaporte africano unificado e a livre circulação constituem um dos projectos de referência que têm de ser analisados até 2063.

A livre circulação e residência de pessoas é uma questão complexa, especialmente em países que vivem guerras civis como a RDC, Moçambique, Sudão do Sul e outros. Nestes locais, as pessoas fogem do trauma do conflito em busca de oportunidades melhores e mais seguras noutros lugares. Tal como quando se visita à casa de um vizinho, onde existem sempre certos limites, aqueles que migram para a África do Sul em busca de segurança e estabilidade deparam-se frequentemente com limites às suas liberdades.

Entretanto, quando a paz prevalecer em toda a África, menos pessoas se sentirão deslocadas quando se deslocarem no continente. A adopção pela União Africana, em 2018, do protocolo de Livre Circulação de Pessoas (FMP) é promissora para melhorar a situação, oferecendo potencialmente maior liberdade e oportunidade aos cidadãos africanos em todo o continente.







MULHERES EMPRESÁRIAS CAPACITADAS EXPÕEM O SEU DINAMISMO ARTESANAL NO MERCADO DA AFWID 2025

POR: THOMAS LETHOBA









No centro da conferência African Women in Dialogue (AfWID) 2025, que decorre em Joanesburgo, as atenções estão viradas para as mulheres empresárias inovadoras que causam impacto em toda a África com a sua criatividade.

O evento deste ano enche-se energeticamente e, mesmo à saída das sessões plenárias e dos intervalos, está um mercado muito interessante que reúne mulheres de todos os cantos do continente para exibirem os seus produtos. Desde cestos artesanais e conjuntos de roupa únicos feitos à mão até aos produtos biológicos para a pele, o mercado reflecte o ritmo do tema da conferência: "Women's Voice and Power as Agents of Change".

Entre essas várias mulheres inspiradoras que expõem o seu artesanato no mercado encontra-se Ida Flore Maroundou, uma talentosa empresária de 37 anos e defensora apaixonada dos direitos das mulheres.

Oriunda da Gâmbia, Ida veste-se de muitos talentos, quer como designer, quer como empresária. É a orgulhosa criadora de uma colecção de vestuário por medida, desenhando e confeccionando manualmente todas as peças, misturando técnicas tradicionais com moda moderna.

Para além da sua linha de roupa, Ida também vende esculturas que têm um profundo impacto cultural e social na Gâmbia. Segundo Ida, as suas esculturas reflectem a herança e os valores africanos, bem como as lutas e os triunfos contemporâneos das mulheres.

"Cada escultura que crio é mais do que apenas arte; é uma representação da nossa herança africana, dos nossos valores e da poderosa jornada das mulheres de hoje. O meu trabalho conta as histórias dos nossos triunfos, das nossas lutas e da força que carregamos dentro de nós todos os dias", afirma Ida.

Começou a sua carreira profissional nas telecomunicações com a Gabon Télécom, passando mais tarde para uma empresa multinacional como gestora de QHSE. Mas a sua paixão pela mudança social levou-a a dar uma reviravolta em 2020, tornando-se fundadora da ONG Aurore.

Através da sua organização, Ida tornou-se uma figura-chave em quatro Coligações de Ação no âmbito da campanha Geração Igualdade, da ONU Mulheres. A sua defesa aborda questões vitais como a violência baseada no género, justiça económica, justiça climática e a promoção da liderança das mulheres.

Outra empresária notável no mercado é Zeineb Tahri Dhabbi, da Tunísia, que dá um toque único à moda tradicional e moderna. Zeineb especializou-se em malas e sapatos feitos à mão, cada um deles com vários designs. As suas criações destacam-se pela sua qualidade, padrões únicos e pela história pessoal que lhes está subjacente.

Reflectindo sobre a sua experiência na AfWID 2025, Zeineb partilha: "Este evento foi uma experiência verdadeiramente reveladora para mim. Sinto-me muito inspirada pelas diversas mulheres empresárias aqui presentes e a energia é fantástica. Uma sensação empoderadora fazer parte de um espaço onde podemos compartilhar nossas histórias, aprender umas com as outras e celebrar o nosso trabalho."
Outra presença poderosa na AfWID 2025 é uma empresária do Níger, Amoussou Araoye Helene Flore, que mistura cultura e moda através das suas pulseiras feitas à mão e sapatos culturais tradicionais. Com uma profunda ligação à sua herança, cria cada peça para reflectir a beleza e a história do Níger.

Tendo antes trabalhado na indústria da aviação - uma área dominada por homens - foi levada pelos desafios que enfrentou na sua carreira a explorar novos caminhos e a tornar-se empresária. Explicou: "No sector da aviação, era muitas vezes a única mulher na sala. Esta experiência levou-me a provar não só as minhas competências, mas também a minha capacidade de ser bem-sucedida em qualquer espaço. Inspirou-me a aventurar-me no meu próprio negócio e a criar algo que reflectisse as minhas raízes, enquanto capacitava outras mulheres no processo".









PALAVRAS DE SÁBIAS: SARAH LONGWE

POR: AKHONA VALASHIYA

Sarah Longwe, veterana da AfWID e activista feminista da Zâmbia, partilhou connosco palavras sábias sobre o tema do feminismo e da igualdade. Quando questionada sobre os conselhos a dar às jovens mulheres de hoje, contribuindo dessa maneira para o progresso das mulheres africanas, Sarah Longwe respondeu "Resiliência, crença e protesto". "A luta continua porque a igualdade de género é uma obrigação". A veterana afirma que o seu cabelo ruivo é um símbolo das convicções e não uma mera afirmação de moda. "O meu cabelo ruivo não é moda, é um protesto contra a abominação e a discriminação de todas as formas", explicou.



Longwe desenvolveu um método de análise das questões de género através do seu Longwe Women's Empowerment Framework. Ela utilizou este quadro nas suas numerosas consultorias realizadas com departamentos governamentais africanos de género, agências de desenvolvimento e organizações da sociedade civil sobre a maneira de identificar e abordar as questões de género para um empoderamento sustentável das mulheres.

Na sua comunicação de despedida, afirmou que as raparigas e as mulheres jovens têm de identificar os seus próprios símbolos e viver para eles, protestar contra a abominação e continuar a lutar pela igualdade e pela felicidade.

MENSAGENS DE APOIO DE DJIBUTI

POR: PFARELO MUTHIGE

As mulheres africanas desempenham um papel fundamental na definição do futuro do continente e o seu empoderamento é imprescindível para alcançar uma influência e uma prosperidade duradouras. Para elevar África ao seu lugar de direito na arena global, as mulheres devem dar prioridade à educação e ao desenvolvimento de competências. O acesso a uma educação de qualidade permite-lhes tornar-se líderes em vários sectores, desde a política ao empreendedorismo, promovendo a inovação e impulsionando o crescimento económico.

Por outro lado, as mulheres africanas devem participar activamente nos processos de liderança e de tomada de decisões. Ao participarem na governação e na elaboração de políticas, podem defender leis e iniciativas que apoiem a igualdade de género e a justiça social. A criação de redes e alianças sólidas entre as mulheres de todo o continente pode amplificar as suas vozes e criar uma frente unida para a mudança.

O empoderamento económico também é fundamental. As mulheres devem aceder aos recursos financeiros, aos mercados e à tecnologia para criar e desenvolver empresas. O apoio às empresas lideradas por mulheres pode levar à criação de emprego e ao desenvolvimento sustentável.

Por último, as atitudes culturais devem mudar para reconhecer e valorizar as contribuições das mulheres. A promoção de narrativas que celebrem as mulheres líderes e inovadoras pode inspirar as gerações futuras. Ao investir na educação, na liderança, nas oportunidades económicas e na mudança cultural, as mulheres africanas podem conduzir o continente a um futuro de influência e prosperidade.

- Neima Ben Chek









À todas as mulheres africanas, estamos unidas na nossa força e resiliência. Vós sois o coração deste continente e as vossas vozes são poderosos instrumentos de mudança. Ao enfrentarmos os desafios que temos pela frente, lembremo-nos: "Juntas, erguemo-nos; juntas, prosperamos."

Chegou o momento de exercermos o nosso poder colectivo e de tomarmos medidas corajosas. Temos de defender os nossos direitos, garantindo a igualdade de acesso à educação, aos cuidados de saúde e às oportunidades económicas. Apoiemo-nos mutuamente no empreendedorismo, criando redes que elevem e capacitem, e participando na liderança da comunidade, onde as nossas ideias podem moldar políticas que reflictam as nossas necessidades e aspirações.

Defendamos, porém, o ambiente, salvaguardando os nossos recursos naturais para as gerações futuras. Ao promovermos práticas sustentáveis, podemos garantir que África não só sobrevive, como também floresce.

Juntos, podemos redefinir a narrativa do nosso continente, mostrando o brilhantismo e o potencial das mulheres africanas na cena mundial. Vamos erguer-nos, vamos agir e vamos liderar. O tempo para a mudança é agora e o futuro é nosso para criar.

Com solidariedade e força, elevaremos África ao seu lugar de influência e prosperidade.

- Sabira Ibrahim

“ EMPODERAMENTO DE VOZES: A ASCENSÃO DO MOVIMENTO DAS MULHERES AFRICANAS NA CONSTRUÇÃO DO FUTURO”

POR: PFARELO MUTHIGE

Uma conversa sobre o Movimento de Mulheres Africanas: O Movimento das Mulheres Africanas adequa-se ao seu objectivo?



O movimento das mulheres africanas constitui uma força poderosa e dinâmica que molda os cenários político, económico e social em todo o continente. Desde a luta pela independência e pela democracia até à defesa da igualdade de género e dos direitos humanos, as mulheres africanas têm estado na vanguarda da mudança transformadora. Este artigo explora os desafios que o movimento de mulheres africanas enfrenta, possíveis sugestões para o seu reforço e a sua adequação ao objectivo.

O movimento de mulheres africanas tem feito progressos significativos ao longo dos anos na defesa da igualdade de género, dos direitos das mulheres e da justiça social. No entanto, vários desafios continuam a impedir a sua eficácia e crescimento. Alguns dos principais desafios incluem:

- Muitas sociedades africanas continuam a ser profundamente patriarcais, com costumes e crenças tradicionais que limitam o papel das mulheres na liderança, na educação e na participação económica.
- As disparidades salariais entre homens e mulheres e a discriminação no emprego limitam a independência financeira das mulheres.
- A deslegitimação dos sistemas de conhecimento indígenas: O Ocidente não reconhece o conhecimento detido pelas mulheres africanas, nem compreende a natureza invasiva da medicina ocidental nos corpos africanos.
- As elevadas taxas de violência doméstica, assédio sexual e tráfico de seres humanos ameaçam a segurança das mulheres.
- As disparidades de género na educação persistem, com muitas raparigas a abandonarem os estudos devido ao casamento precoce, à gravidez ou a restrições financeiras.

A eficácia do movimento das mulheres africanas depende da forma como definimos a sua “adequação ao objectivo”. Se as mulheres considerarem os seus objectivos de alcançar a igualdade entre os géneros, a representação política, o empoderamento económico e a justiça social, o movimento tem feito progressos significativos, sendo bem-sucedido em muitas áreas, mas continua a enfrentar grandes desafios.

Para ser totalmente “adequado ao objectivo”, precisa de um apoio institucional mais forte, de melhor financiamento e de estratégias mais unificadas em todo o continente. Está a evoluir, mas ainda tem um longo caminho a percorrer para alcançar uma verdadeira igualdade de género.

O movimento das mulheres africanas deu passos notáveis na luta pela igualdade e pela justiça. Embora subsistam desafios, a resiliência e o activismo das mulheres africanas continuam a inspirar a mudança. Trabalhando em conjunto, as mulheres de todo o continente podem construir um futuro onde a igualdade de género não seja apenas um mero ideal, mas uma realidade vibrante.





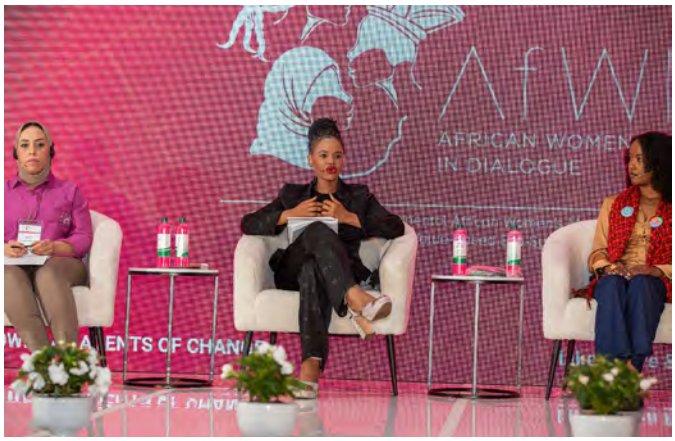
RESUMOS: RE-IMAGINAR UM FUTURO PARA ALÉM DE PEQUIM

POR: LINDOKUHLE MAINDY MABENA

Advogada Thando Gumede

A advogada Thando Gumede considera-se tanto uma cidadã deste mundo como um ser espiritual, sendo o direito apenas um revestimento superficial. Por profissão, é advogada do Supremo Tribunal da África do Sul e docente de Direito e Direitos Humanos. Os seus conhecimentos abrangem o antirracismo, a violência baseada no género, a descolonização pró-negra e a reconstrução do continente africano. É também a fundadora de um laboratório médico privado na África do Sul, dedicado a prestar cuidados de saúde de elevada qualidade a grupos marginalizados, em especial mulheres, indivíduos queer e LGBTQIA+ e comunidades negras.

Como se não bastasse, possui ainda a distinção de ser a mais jovem Comissária Nacional para a Igualdade de Género na África do Sul, nomeada pelo Presidente. Contudo, mesmo essa distinção é considerada por ela como um mero título, porque, no seu âmago, identifica-se como uma curandeira - a sua verdadeira vocação, divinamente concedida. Gumede oferece a cura através da consciencialização, da resolução de problemas e da criação.



Qual é o seu apelo à ação?

"O que é que me impulsiona e me motiva? Está resumido no termo árabe Ibadah, que significa submissão divina a Deus. Estou aqui com a missão de me submeter totalmente à vontade divina. Fui criada para lutar, para servir como soldado raso e para liderar - e é precisamente isso que farei, independentemente dos obstáculos que o patriarcado possa colocar no meu caminho. Tenho estado a preparar-me para este momento. Sempre que falo e educo, defino o que o feminismo significa para mim. Para mim, o feminismo é a busca inabalável e sem reservas da igualdade entre todos os seres humanos, independentemente das suas diferenças superficiais".



Michal Petros

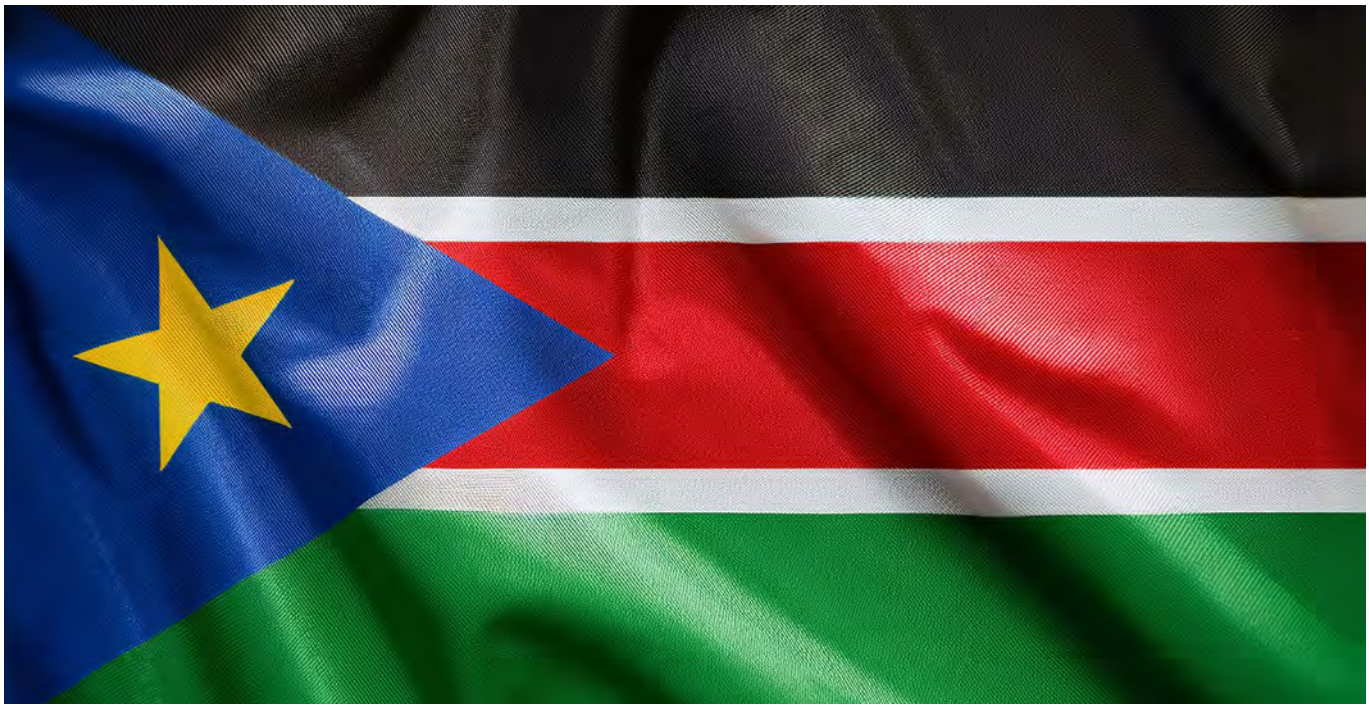
Michal Petros, fotógrafa e gestora de projectos empenhada na construção de comunidades, é eritreia-americana. Identifica-se sobretudo como uma contadora de histórias, com formação académica em Assuntos Internacionais, centrada na identidade e governação em África. A sua carreira tem-se centrado na angariação de fundos e no desenvolvimento de organizações sem fins lucrativos, tendo trabalhado e vivido no Quénia, Eswatini e Argélia. A sua paixão pelos direitos humanos deriva da sua herança eritreia.

A Eritreia tornou-se independente em 1991 e Michal nasceu em 1997. "Hoje falámos em honrar os nossos anciãos e o que me parte verdadeiramente o coração é que aqueles que lutaram pela nossa liberdade nunca conheceram uma Eritreia livre. Desde 1991, o nosso país tem estado sob ditadura e, desde 2001, não existe liberdade de imprensa - indiscutivelmente mesmo antes dessa altura, mas legalmente desde 2001. Existe um recrutamento nacional forçado, incluindo para as mulheres jovens, e dezenas de milhares de pessoas fogem todos os meses, principalmente para escapar ao recrutamento militar, em busca de educação e de meios de subsistência fora das fronteiras da Eritreia".

Qual é o seu apelo à ação?

"Como membro da diáspora, não posso regressar à Eritreia. Porém, estou profundamente empenhado em ser uma força da mudança no seio da diáspora, apoiando os que realizam reformas e ajudando os que fogem do país. Grande parte do trabalho na diáspora centra-se na reinstalação de refugiados, e temos agora uma nova geração de eritreus que podem falar por si próprios - aqueles que viveram diretamente a ditadura. Estamos a trabalhar com eles para amplificar as suas vozes. Como eritreia-americana, reconheço o meu privilégio e estou aqui para usar esse privilégio para elevar as histórias daqueles que sofrem opressão em casa."

DECLARAÇÃO DAS MULHERES SUDANESAS NA CONFERÊNCIA DA AFWID



Que a paz esteja convosco, estimados membros da Conferência das Mulheres Africanas em Diálogo.

Saudações!

Foi com muito prazer que nos reunimos convosco neste local para debater questões relacionadas com o empoderamento das mulheres em África em todos os domínios da segurança, da paz, da saúde e do empoderamento económico. No entanto, vimos a esta conferência com feridas profundas devido ao sofrimento das mulheres sudanesas em resultado da guerra de longa data no Sudão, que causou grande dor a todos nós.

Durante esta guerra contínua, as mulheres sudanesas enfrentam várias formas de violência e humilhação, incluindo a violação, a deslocação forçada, o trabalho forçado e a coação para actos sexuais em troca de comida e protecção. Esta situação levou à deslocação e ao estatuto de refugiada de milhões de mulheres sudanesas, bem como à perda de apoio. A guerra actual visa especialmente as mulheres e, além disso, o Sudão passa por uma grave situação de fome, descrita pelos relatórios das Nações Unidas como a pior do mundo, afectando mais de 26 milhões da população sudanesa. Apesar disso, existem dificuldades significativas na prestação de ajuda humanitária aos necessitados, agravadas por um surto generalizado de doenças e epidemias, a par da negligência da comunidade internacional em todas as suas formas.

Homens e mulheres sudaneses, tanto dentro como fora do Sudão, sofrem de condições trágicas e extremamente complexas. Como mulheres sudanesas aqui presentes, pedimos-vos que se juntem a nós para exigir o fim imediato da guerra e todos trabalhem em conjunto para restaurar a segurança, a paz e a segurança alimentar. Exigimos também que esta declaração chegue a todos os governos africanos, à União Africana, ao Conselho de Paz Africano, à IGAD e a todas as organizações das Nações Unidas, bem como a outros actores internacionais na região e no mundo. Sabemos que as mulheres são as mais afectadas pelas guerras e acreditamos também que elas detêm as chaves para a paz.

Agradecemos sinceramente e apreciamos os organizadores da conferência por nos darem esta oportunidade de levantar as questões das mulheres no Sudão neste momento crítico. E de erguer as nossas vozes para pôr termo à guerra e acabar com o sofrimento de milhões de sudaneses. Especialmente as mulheres, as crianças, os idosos, as pessoas com deficiência, etc

.

Delegação das Mulheres do Sudão
29 de Janeiro 2025,
Joanesburgo

O QUE SERÁ NECESSÁRIO PARA QUE A PAZ REINE EM ÁFRICA?

POR: JODI A. LAWRENCE

Presentemente, estão em curso 35 conflitos armados em África, que afectam regiões como o Egito, Líbia, Marrocos, Sara Ocidental, Burquina-Faso, Somália, Sudão e o Sudão do Sul.

É bastante preocupante que no centro de muitos destes conflitos esteja a influência das potências ocidentais, incluindo os Estados Unidos, a França e a Rússia. No caso do Sudão do Sul, o papel dos Emirados Árabes Unidos na guerra civil não deve ser ignorado.

Como em todas as guerras, quem carrega o maior fardo são as mulheres e as crianças, sofrendo as maiores baixas e formando a maior proporção de refugiados deslocados. Este ano, na reunião das Mulheres Africanas em Diálogo (AfWID), as mulheres partilharam um sentimento de pesar pelas suas pátrias e famílias devastadas pela guerra. Muitas delegadas falaram sobre a falta de solidariedade entre as mulheres de todo o continente, salientando a incapacidade de reconhecer os conflitos actuais e de desafiar os líderes que lucram com a guerra.

A Dr.ª Zoneziwoh Mbondgulo abordou eloquentemente a Resolução 1325 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, que reconhece o impacto da guerra nas mulheres e apela à sua participação equitativa na tomada de decisões sobre paz e segurança. Zoneziwoh, observou que, à medida que o 25.º aniversário desta resolução se aproxima, muitas mulheres em toda a África, incluindo os presentes no encontro, ainda não viram a sua implementação significativa. A resolução continua muito distante das experiências vividas pelas mulheres nas zonas de conflito.





Durante um painel de discussão, Nomboniso Gasa, falando da audiência, observou que as mulheres desempenham frequentemente um papel na manutenção das estruturas de poder patriarcal, por vezes em detrimento de outras mulheres. Este facto, argumentou, tem contribuído para o silenciamento e a privação de direitos das mulheres que procuram desafiar os agentes de conflito em zonas de guerra como o Senegal, a Somália e a República Centro-Africana.

Um grupo de trabalho de mulheres presentes no evento reflectiu sobre a necessidade de pensar para além das suas próprias vidas e esferas de influência para desmantelar a cultura do belicismo que impregna o continente. No decurso dos debates, os delegados chegaram a uma conclusão importante: é urgente a realização de missões de paz lideradas por mulheres em zonas de conflito activo e a criação de uma União Africana separada para as mulheres, segundo o modelo da direcção liderada por mulheres nas Nações Unidas.

Além disso, determinou-se que as mulheres devem ser mais bem informadas sobre a natureza do conflito – não apenas como uma força que as afecta física e psicologicamente, mas como um fenómeno sociopolítico complexo que requer o seu envolvimento activo. O caminho para a paz em África deve centrar as mulheres nas negociações de paz e na resolução de conflitos, tal como elas estão no centro da vida quotidiana e da estabilidade social.



PEQUIM +30: AS MULHERES AFRICANAS RECUPERAM O SEU PODER E EXIGEM MUDANÇA

POR: NKHENSANI NKHWASHU

A sessão paralela de revisão do Plano de Acção de Pequim +30 na conferência Mulheres Africanas em Diálogo (AFWID) proporcionou uma plataforma vital para reavaliar o progresso e a responsabilidade na agenda do género em África, três décadas após a histórica 4.ª Conferência Mundial sobre as Mulheres de 1995 em Pequim, China. Esse encontro histórico, que reuniu representantes de 189 governos e milhares de organizações da sociedade civil, culminou com a adopção da Declaração e da Plataforma de Ação de Pequim – um quadro abrangente para promover os direitos das mulheres e alcançar a igualdade de género em todo o mundo.

No âmbito de um painel, Amel Samoud Khamari, Presidente da Associação Tunisina de Governação e Igualdade de Oportunidades entre Mulheres e Homens em Posições de Tomada de Decisão (ATGEC), partilhou a sua experiência de participação na conferência de Pequim em 1995.

"Foi uma experiência espetacular para mim, que era uma jovem jornalista. Eu tinha apenas 28 anos e havia deixado para trás o meu filho de cinco anos. Foi uma honra ter sido escolhida para fazer parte da delegação tunisina, especialmente por ser a mais jovem do grupo".

Khamari reflectiu sobre a emoção de ver mulheres de diversos países, origens e religiões, todas falando línguas diferentes, mas unidas no seu objectivo. Falou também das suas experiências como mulher na indústria dos média e de como usou a sua voz para lutar contra a pobreza e a desigualdade, entre outros desafios.

A sessão abriu depois a palavra aos profissionais dos meios de comunicação social presentes, convidando-os a partilhar experiências pessoais e ideias sobre a evolução da informação sobre as questões das mulheres desde a conferência de Pequim. Embora os progressos tenham sido reconhecidos, muitos manifestaram preocupação com as disparidades persistentes entre jornalistas do sexo feminino e masculino, salientando a luta contínua pela igualdade no panorama dos meios de comunicação social.

"A indústria dos meios de comunicação social continua a ser um sector extremamente patriarcal, com estereótipos enraizados. As histórias consideradas 'soft news' são frequentemente atribuídas às jornalistas do sexo feminino, enquanto aos jornalistas do sexo masculino são atribuídos tópicos de 'hard news' como a política e a economia", observou uma jornalista.

Wahu Kaara, uma educadora, activista e defensora da justiça social queniana de renome mundial, recordou vivamente a conferência de Pequim, descrevendo-a como se tivesse ocorrido ontem. Falou da paixão e da determinação das mulheres que ali se reuniram, referindo que as barreiras linguísticas nunca foram um obstáculo à missão comum.
"As mulheres reivindicaram espaços públicos para si próprias - nunca lhes foram entregues. Elas derrubaram muros para tomar o poder".

Kaara apelou que não era altura para lamentações, mas sim para recuperar o poder.

NgoN-Baba Née Noufere Céline, Presidente da Mafubo Centrafrique, uma ONG da República Centro-Africana, sublinhou a necessidade de as mulheres adoptarem a transformação digital.

Realçou igualmente que a tecnologia deve ser aproveitada para chegar às mulheres nas zonas rurais, defendendo a educação e a formação em competências digitais para capacitar as mulheres como campeãs da digitalização e libertar todo o seu potencial.

Embora todos tenham concordado que foram feitos progressos significativos desde a conferência de Pequim, um sentimento unânime ecoou ao longo do debate: apesar dos avanços registados, ainda há muito trabalho a fazer. Tanto os membros do painel como os participantes concordaram que o esforço e o empenhamento sustentados são essenciais para impulsionar novas mudanças.





GUARDIÕES DA TERRA: PRINCIPAIS DESAFIOS E MUDANÇAS

POR: LEBOGANG MATHEBULA






A segurança alimentar e a soberania são, desde há muito, preocupações prementes em África. Apesar das vastas paisagens e dos ricos recursos naturais do continente, a sustentabilidade agrícola continua a ser um desafio, particularmente para as mulheres agricultoras que desempenham um papel crucial na produção e distribuição de alimentos.

O terceiro dia da AFWID 2025 proporcionou suas uma plataforma para as mulheres africanas na agricultura expressarem as vozes e criarem estratégias para a mudança. Sob a direcção de Mercia Andrews, Directora do Trust for Community Outreach and Education, o workshop reuniu mulheres de várias regiões para discutir os principais obstáculos que enfrentam. Uma das principais questões levantadas pelas mulheres dos países de língua árabe foi o impacto dos actuais conflitos armados, que tornaram grandes extensões de terra impróprias para a agricultura. No Sudão, a guerra civil perturbou gravemente a cadeia de abastecimento, criando um choque económico que agrava a escassez de alimentos.

Em todo o continente, a falta de financiamento surgiu como uma preocupação universal. Sem apoio financeiro, as mulheres agricultoras lutam para aceder a recursos essenciais como sistemas de irrigação, fertilizantes, mão-de-obra e ferramentas agrícolas modernas. Este défice financeiro não só prejudica a produtividade, como também limita a sua capacidade de se dedicarem à investigação, adoptarem novas técnicas agrícolas e competirem nos mercados locais e internacionais. À medida que o mundo avança para a 4.ª Revolução Industrial, estas mulheres encontram-se em desvantagem, incapazes de integrar novas tecnologias nas suas práticas agrícolas.

A escassez de água representa outro desafio formidável. Muitas regiões sofrem de condições de aridez que tornam a agricultura quase impossível. Um importante obstáculo político foi o Tratado da Água do Quénia, de 19 de Maio de 2010, que impediu os agricultores de utilizarem a água do rio Nilo para irrigação. Esta decisão criou um grande revés para a agricultura sustentável. Contudo, em 2025, o Ministro da Água, Charity Ngilu, declarou que as nações da África Oriental têm agora a liberdade de utilizar os recursos hídricos como entenderem, oferecendo uma esperança renovada aos agricultores em dificuldades.

Outra preocupação premente é a exigência de erradicação dos Organismos Geneticamente Modificados (OGM) e a preservação da agricultura biológica. Muitos agricultores africanos acreditam que as suas sementes indígenas têm propriedades medicinais, são nutricionalmente superiores e estão profundamente ligadas às suas identidades culturais e espirituais. Mary Sakala, da Zâmbia, expressou apaixonadamente esta posição: "A comida que comemos faz parte da nossa identidade. As nossas sementes orgânicas podem ser medicinais, podem ser alimentos e podem fazer parte da nossa incorporação espiritual". Embora a Food and Drug Administration (FDA) afirme que os OGM não representam riscos para a saúde, vários estudos independentes sugerem o contrário, alimentando ainda mais o cepticismo entre os agricultores africanos.

Em meio a esses desafios, o pedido de financiamento para as mudanças climáticas tornou-se mais urgente, particularmente para as mulheres rurais, frequentemente descartadas como pequenas agricultoras. Roseline Orwa, do Quénia, sublinhou a necessidade de as mulheres se unirem e exigirem apoio financeiro específico para mitigar os efeitos das alterações climáticas na agricultura.

Apesar das muitas dificuldades discutidas, as mulheres deixaram o seminário com um renovado sentido de determinação. A voz colectiva e o compromisso inabalável com a mudança assinalam um movimento poderoso em direcção a reformas políticas e a uma maior defesa da sustentabilidade agrícola. Estas mulheres não são apenas guardiãs da terra; são arquitectas de um futuro onde a segurança alimentar é uma realidade para todos.

AFWID ASSUME O CONTROLO DO VIEWPOINT NA RÁDIO SAFM



O futuro que queremos – um futuro construído para as mulheres africanas, por mulheres africanas

A AfWID tomou conta das ondas de rádio da SAFM Radio no segundo dia, quando Taweni Gondwe Xaba foi a anfitriã do popular programa de liderança de pensamento The Viewpoint.

No painel, Nana Magomola - Membro do WDB Trust, Emma Kaliya - Membro do Comité Directivo da AfWID e Coordenadora da AfWID na SADC, Saida Ali – Coordenadora da AfWID na África Oriental, e Sara Longwe - Veterana de Pequim 1995, juntaram-se na plateia mulheres de diversos cantos do nosso rico e belo continente.

O poderoso e animado debate de uma hora centrou-se no tema da AfWID "Construir um futuro que queremos, por mulheres africanas para mulheres africanas".
Os membros do painel falaram sobre o papel que as mulheres têm de desempenhar para enfrentar os desafios que o continente enfrenta, relativamente à paz e à estabilidade, à protecção dos recursos, à capacitação dos jovens e à incorporação das vozes das bases na elaboração de políticas, e ao crescimento económico, entre outros temas prementes.

Foram destacados marcos históricos de conferências de mulheres anteriores, incluindo o desenvolvimento de estruturas como a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres. A conversa sublinhou a necessidade de soluções accionáveis, de financiamento sustentável para projectos liderados por mulheres e de derrubar barreiras para as jovens mulheres assumirem papéis de liderança. Os desafios, como a governação instável em algumas regiões, foram reconhecidos como obstáculos ao progresso. Foi feito um apelo à unidade, à auto-suficiência, a esquemas de poupança comunitária e a políticas de impacto para continuar a promover os direitos e o desenvolvimento das mulheres.

Nana Magomola, Membro do WDB Trust

A ideia de reunir mulheres de 55 países para terem estes diálogos críticos, surgiu, parecia ambiciosa, mas empolgante. Sabíamos que era algo que tínhamos de apoiar. Esta plataforma permite-nos amplificar as vozes das mulheres e criar um verdadeiro poder na definição de soluções. Para nós, tratava-se de garantir que as mulheres de todos os sectores da vida, incluindo as das zonas rurais e carenciadas, pudessem participar nesta conversa.

Saida Ali

Precisamos de resultados práticos. As mulheres aqui presentes partilham estratégias práticas e demonstram liderança. Muitas delas têm um impacto significativo nas suas comunidades, especialmente as mulheres jovens. Por ex., as jovens do Sudão do Sul e de outras regiões foram inspiradas a regressar a casa e a organizar-se. Estão a assumir papéis de liderança e a provar que não é necessário ter educação formal ou riqueza para liderar. Trata-se de criar oportunidades para que todas as mulheres possam aprender e crescer.

Sara Longwe

A jornada começou com conferências anteriores, incluindo a conferência de Pequim de 1995, que criou a "Plataforma de Ação de Pequim". Este documento estabeleceu as bases para o avanço dos direitos das mulheres a nível mundial. As bancadas femininas africanas desempenharam um papel importante na definição das principais áreas de intervenção, incluindo a pobreza, a educação, a violência contra as mulheres e a capacitação económica. Estas questões continuam a ser centrais na nossa agenda. Ao longo dos anos, temos visto muitos países a ratificar acordos, mas o desafio tem sido sempre traduzir esses compromissos em acções tangíveis.

Emma Kaliya

A Resolução 1325 foi estabelecida para garantir uma representação de 30% de mulheres no governo, mas nenhum país atingiu este limiar. Talvez seja por isso que os conflitos continuam a ressurgir, mesmo depois dos esforços para os suprimir. A tomada de decisões é crucial e as mulheres devem envolver-se. Em muitos casos, a sua ausência nas discussões sobre a paz prejudica o progresso. Sem as mulheres, o processo fica incompleto e a paz sustentável continua a ser difícil de alcançar.

> *Trata-se de criar mecanismos para uma defesa sustentada. Temos de garantir que as vozes das mulheres são ouvidas a todos os níveis de decisão. Por ex., o micro-financiamento tem sido transformador em muitas áreas, mas também temos de pensar para além do "micro" e visar projectos de grande escala que beneficiem comunidades inteiras.*





EU SOU AQUELE POR QUEM ÁFRICA ESPERA



Compromissos Pessoais para o Avanço da Agenda AfWID

Reconheço que as instituições são importantes, todavia a sua eficácia depende da minha ação pessoal para promover a mudança e influenciar os espaços que ocupo. A minha defesa das mulheres africanas começa com o amor e a auto-aceitação, partilhados primeiro na minha própria casa e depois expandidos à minha comunidade. Comprometo-me a articular e apoiar as mulheres africanas sempre que possível, através das acções que tomo, das palavras que digo e dos espaços em que me envolvo. Como participante nesta conferência, comprometo-me a realizar as seguintes acções para promover a agenda da AfWID:

1. **Empoderamento Através do Conhecimento:** Comprometo-me a procurar ativamente informação credível e verificada, a informar-me continuamente acerca do Movimento de Mulheres Africanas e a partilhar este conhecimento de maneira responsável. Compreendo que o nosso poder coletivo reside na partilha da verdade e das vozes das mulheres e darei prioridade à divulgação de informação verificada e relevante para capacitar as mulheres da minha comunidade.
2. **Cura e Reconhecimento do Trauma:** Reconheço que todos carregamos traumas intergeracionais e que, para nos empenharmos eficazmente, temos de começar por lidar com essa dor. Comprometo-me a apoiar os processos de cura, compreendendo que a verdadeira mudança começa com a cura pessoal e a empatia colectiva. Promoverei ambientes onde as mulheres partilhem as suas experiências em segurança e onde a cura se torne parte do diálogo e do activismo em que me envolvo.
3. **Defesa das Mulheres Deslocadas:** Defenderei as mulheres deslocadas, em especial as afectadas pela migração, assegurando o seu acesso aos recursos, direitos e apoio de que necessitam. Criarei plataformas para as suas vozes serem ouvidas e trabalharei para eliminar as barreiras à sua liberdade e oportunidades. A minha defesa basear-se-á no reconhecimento da dignidade inerente e lutarei pelo seu empoderamento sempre que possível.
4. **Solidariedade e Responsabilidade Individual:** Comprometo-me a pensar "a mulher em primeiro lugar" em tudo o que faço. Agirei em solidariedade com as mulheres africanas, apoiando-me mutuamente de forma tangível e significativa. Não esperarei pela ação do governo, mas assumirei a responsabilidade pessoal de fazer as mudanças que desejo ver. A mudança colectiva começa com as minhas acções individuais e utilizarei a minha influência para conseguir a transformação positiva que procuramos.
5. **Defender a Paz e a Solidariedade:** Defenderei a inclusão das mulheres na construção da paz e na resolução de conflitos, assegurando que as suas vozes sejam ouvidas nas negociações, desde a base até aos debates de alto nível. Promoverei a solidariedade além-fronteiras, apoiando as mulheres africanas em zonas de conflito, e assegurarei que as minhas acções reflictam os valores da paz, da unidade e do progresso colectivo.







6. **Reforçar o Movimento das Mulheres Africanas:** Comprometo-me a ser uma participante activa no Movimento das Mulheres Africanas, assegurando que este se mantém inclusivo, dinâmico e sensível às diversas necessidades das mulheres africanas. Apoiarei a criação de uma plataforma unificada para a defesa colectiva, reforçando as vozes das mulheres em todo o continente e reconhecendo que o movimento tem tanto a ver com a ação individual como com a mudança colectiva.
7. **Soluções Sustentáveis para a Soberania Alimentar:** Apoiarei o envolvimento das mulheres na agricultura sustentável e na soberania alimentar, defendendo políticas que dêem prioridade à agro-ecologia e à liderança das mulheres na justiça ecológica. Promoverei a educação em torno destas questões e assegurarei que as minhas acções reflictam um compromisso para com a protecção das sementes indígenas, a capacitação das mulheres agricultoras e a promoção da resiliência nos sistemas alimentares de África.
8. **Empoderamento Económico das Mulheres:** Promoverei a literacia financeira e a independência das mulheres africanas, apoiando iniciativas que as equipem com as ferramentas e os recursos necessários para prosperar. Resistirei aos sistemas económicos patriarcais e defenderei políticas que capacitem economicamente as mulheres. O meu compromisso pessoal com a justiça económica começa em casa, ensinando literacia financeira e promovendo a independência económica na minha comunidade.
9. **Protecção e Segurança das Mulheres:** Defenderei leis mais fortes para proteger as mulheres da violência e assegurarei que a segurança das mulheres seja prioritária nas zonas de conflito e fora delas. Actuarei de forma solidária com as sobreviventes de violência, prestando-lhes apoio prático e emocional sempre que necessário. O meu empenho na protecção das mulheres começa por garantir espaços seguros na minha própria vida e na minha comunidade.
10. **Capacitação Através da Minha Voz e Redes:** Reconheço o poder da minha voz e das minhas redes como instrumentos para defender os direitos das mulheres. Utilizarei a minha influência para amplificar as vozes das mulheres africanas, apoiando a solidariedade e a ação colectiva. Compreendo que a liderança emerge da responsabilidade partilhada e comprometo-me a tomar medidas que promovam a causa da igualdade de género.

Estes compromissos pessoais servem de lembrete de que a mudança que procuramos começa com cada um de nós. Através das minhas acções, pretendo contribuir para a agenda da AfWID, sabendo que os esforços individuais, quando combinados, conseguem criar uma transformação duradoura. Cada passo que dou irá inspirar outros a fazer o mesmo, criando um efeito de onda de capacitação que eleva as mulheres africanas e fortalece o nosso futuro colectivo.

É PRECISO UMA ALDEIA

Por detrás de cada evento de sucesso, há heróis desconhecidos - aqueles que trabalham incansavelmente em segundo plano, assegurando que tudo corre bem. Na conferência AfWID deste ano, os nossos voluntários foram o coração e a alma do evento. Foram os músculos, a cola e a energia que mantiveram tudo unido. Desde o momento da chegada, receberam-nos com calor e simpatia, aliviando os nossos receios e fazendo-nos sentir bem-vindos. Foram os primeiros rostos que vimos no aeroporto e os últimos rostos que vimos à partida.

Numa altura em que a geração mais velha por vezes se preocupa com como os jovens irão moldar o futuro e liderar o nosso continente, é evidente que o futuro de África já está em boas mãos. Os jovens assumem o comando, mostrando-nos como é a liderança, a dedicação e o serviço. Sem estes incríveis voluntários, não haveria AfWID. O seu empenho e paixão foram muito além do dever, provando que a próxima geração de líderes está aqui – e está mais do que pronta.

Obrigado a todos os voluntários que dedicaram o seu tempo, energia e coração para tornar este evento possível. Vós sois os verdadeiros campeões do futuro de África, e nós vêmos-vos.

Linda Vilakazi
Directora de Programas AfWID









ENRAIZADO NAS ARVORES EM DECOMPOSIÇÃO

CHIGOMEZGO GONDWE, 2025

Percorremos um caminho pavimentado com paradoxos,
onde os homens são reis de tronos emprestados,
aplaudidos por escolhas que quebram ou constroem,
enquanto as mulheres são esculpidas no silêncio,
castigadas por empunharem o mesmo martelo da vida.

À sombra de árvores ocas,
alimentamos os nossos filhos com o fruto amargo do patriarcado,
inscrevendo-os em irmandades
que esculpem o seu valor a partir da falácia do domínio.
Geração após geração,
perpetuamos a destruição.
Mães do movimento,
presas no sistema,
criando homens para manterem as correntes que os torcem.

Nós,
os doadores da vida,
tornámo-nos os artesãos da nossa própria opressão.
Dizem ser a cultura, este peso que carregamos,
mas a cultura é o rio que se curva e cresce,
não o lago estagnado onde os sonhos se deterioram.
O nosso fogo, outrora um farol,
é agora apenas uma centelha,
sufocado pelo fumo das casas
em chamas com raiva não dita.

Que espelho nos reflecte agora,
acorrentados a estas raízes de árvores apodrecidas
que já não alimentam,
presos aos fantasmas dos provérbios
que outrora cantavam o equilíbrio e a generosidade?

"Até que o leão conte a sua história,
o caçador será sempre o herói,"
dizem eles,
mas, e a leoa,
cujo rugido é afogado na tempestade da tradição?

Pois bem!
chega de se afogar na retórica,
beber clichés como água de poços envenenados.
Com as nossas mentes, vamos drenar esses riachos estagnados,
forjaremos rios de rebelião com as nossas próprias mãos,
e inundar as terras estéreis
com a fúria de vozes que já não têm medo de se erguer.

Queimar as raízes apodrecidas
incendeiem o seu vazio em pilares de chamas.
Que as cinzas sejam o nosso solo, fértil em resistência.
Plantai as sementes da revolução em cada mente,
ensinem os nossos filhos a manejar a justiça como catanas
cortando as mentiras crescidas.

Reivindicar a libertação das correntes enferrujadas da história,
escrever e contar histórias das nossas próprias vitórias.
Despir essas ilusões de grandeza e poder
com a clareza do nosso olhar e os ideais de Unidade.
Que o mundo fique nu na presença do Futuro.
Derrubar as fortalezas do silêncio forçado.
Demolir os palácios construídos sobre as nossas costas.
Digam: "Preto, não cedas, porque não vamos voltar!

Sabemos quem somos e quem estamos destinados a ser.
Somos guardiãs de lares e criadores de crianças?
guardiãs da sabedoria e portadoras da verdade.
As nossas mãos não servem apenas para cuidar dos corações,
queimadas e calejadas,
estas são as mãos que erguem as nações.
Nos nossos corações está o bálsamo para os espíritos quebrados,
As nossas palavras descodificam mistérios não vistos pelos tempos,
abrindo caminhos para futuros ainda sonhados.

Somos mais do que ele, ela, eles ou elas;
somos humanos e não pronomes, rótulos ou símbolos,
somos simplesmente homem ou mulher,
criados à imagem do Deus Altíssimo.
Não perderemos o que somos,
a nossa existência não se desvanecerá,
nas narrativas globais da evolução da sociedade
as nossas vozes defenderão as verdades da salvação.

Nós somos a tempestade de fogo,
o rugido de um mundo sem amarras,
o pulso de um futuro que se recusa a esperar,
o batimento cardíaco de gerações ainda por nascer.
Somos testemunhos vivos da Verdade e do Poder,
criados para serem ouvidos e não apenas para serem vistos.

Através da desconstrução cultural
e da regeneração moral,
vamos desemaranhar estes fios emaranhados e
e coser uma nova peça de vestuário da nossa visão mais elevada.
O ontem deve desmoronar e
O passado deve ser desfeito.
Por isso, Preto não cedas, porque não vamos voltar!
Digam, Preto, não se quebrem, porque não vamos voltar!!



WDB | TRUST